

# Artistas Aqui!: territórios poéticos construídos e vivenciados em espaços públicos e comunitários

*Artists Here! : poetic territories built and experienced in public and community spaces*

CARLOS CAMARGO\* & BLANCA BRITES\*\*

Artigo completo submetido a 30 de abril de 2018 e aprovado a 9 de maio de 2018

\* Brasil, professor e artista visual. AFILIAÇÃO: Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. R. Sr. dos Passos, 248 — Centro, Porto Alegre — RS, 90020-180, Brasil. E-mail: carustocamargo@ufrgs.br

\*\* Brasil, professora e curadora. Afiliação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. R. Sr. dos Passos, 248 — Centro, Porto Alegre — RS, 90020-180, Brasil. E-mail: blancabri@gmail.com

**Resumo:** Artistas Aqui!, mais do que um livro impresso, que documenta ações e ativações artísticas realizadas em espaços públicos urbanos por alunos de um curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, representa a valorização do diálogo e a construção coletiva de uma nova prática pedagógica que, de 2010 a 2017, compartilhou e construiu novos territórios de ensino e de atuação nas artes.

**Palavras-chave:** Intervenção Urbana / Ativação Artística / Arte e Cidade / Artistas Aqui.

**Abstract:** *Artists Here! more than a printed book that documents actions and artistic activations carried out in urban public spaces by students of a BA and Bachelor's degree in Visual Arts, this article represents the valorization of dialogue and the collective construction of a new pedagogical practice that, from 2010 to 2017, shared and built new territories for teaching and acting in the arts.*

**Keywords:** *Urban Intervention / Artistic Activation / Art and City / Artists Here.*

### **1. Questionar, agenciar e exercer a escuta**

Consideramos o artista, o educador e o aluno como ativadores, exploradores sem destino, que vagueiam entre o entorno que os engloba e as fronteiras sociais e institucionais que os confinam. O lugar da ação não é o de cá nem o de lá. O “Lugar de fala” é transitório. É necessário ter consciência histórica e político-artística de nosso estado. Não desejar ser verdade. Compreender a fala e o lugar do outro. Não ocupar o local de fala do outro, mas pelo outro encontrar modos de atuar poética e criticamente em uma coletividade humanizada. Mais do que atingir um fim objetivado, agenciar territórios, linhas de fuga e buscar uma prática metodológica aglutinadora que possibilite mais brilho, transpirações e fluidez poética, no campo da arte e na cidade.

É necessário construir projetos pedagógicos pelo avesso, onde o sujeito não mais se encontre externo ao objeto de estudo, a utilizar uma metodologia cartesiana pautada em causas e efeitos, dentro de um conceito cronológico evolutivo e linear, que transforma a escolha em um ato de perda, na impossibilidade de saborear outros percursos.

Na introdução do primeiro volume de Mil Platôs, Deleuze e Guattari (1995) ao considerarem os modos possíveis de estruturação e desencadeamento de conteúdos de um livro, definiram o conceito de rizoma pautado nos princípios de conexão e de heterogeneidade, de multiplicidade, de ruptura a-significante, de cartografia e decalcomia. Contrapondo ao método de pesquisa cartesiana, na estrutura rizomática não existem mais posições e pontos definidos, mas linhas dinâmicas de conexão que mudam de natureza e se conectam umas às outras gerando multiplicidades. Ao mesmo tempo que o rizoma é territorializado, organizado e significado por linhas de segmentaridade, ele percorre e estabelece linhas de fuga e ou desterritorialização.

Processos artísticos e de ensino com características rizomáticas necessitam de uma prática singular que considere a dinâmica de seus movimentos territoriais, que não deve ser aplicada, mas experimentada como uma atitude que atue sobre encontros, contaminações e indagações de um professor que precisa estar no território, sem julgar, questionando as forças que pedem julgamento e colocando sua sensibilidade sob constante suspeita (Bedin, 2014).

### **2. A cartografia de um núcleo/desejo**

O livro “Artistas Aqui!” gestado no interior do Núcleo de Instauração Artística — NIA, enquanto atitude/conceito, buscou diluir distâncias e fronteiras entre a teoria e a prática, entre as intenções do aluno/artista e o universo do espectador, entre a presença da obra e o contexto do lugar. As ações do NIA iniciaram, em

2012, quando em uma disciplina da Licenciatura em Artes Visuais foi proposto aos alunos a criação de intervenções artísticas na cidade, de forma a criar um objeto, uma instalação, uma ação ou uma performance, que estabelecesse uma prática de arte onde as transformações da matéria dependessem dos corpos, do espaço e do tempo em que aconteceriam.

Os projetos iniciais, dos intimistas aos mais ativistas, foram gestados no interior das poéticas individuais. Propuseram o contato visual e o convite à manipulação e construção participativa, evocando, por vezes, a memória afetiva do lugar e do transeunte, como podemos observar nas intervenções relatadas a seguir.

Em *Orelhas sussurrantes* (Figura 1), Laurissa Fauri, ao ter percebido a paisagem sonora como uma vida à parte do cotidiano das pessoas, propôs, por meio da musicalidade de sua instalação, dar sentido às “vozes” da cidade que foram esquecidas na problemática da pressa. Uma caixa metálica antiga, desprovida de porta, foi abandonada sobre o banco de um parque público, figura 1. A foto da artista, vedando seus olhos com as mãos, se encontrava no fundo da caixa, enquanto, um aparato eletrônico reproduzia sons que foram coletados no local da intervenção. A percepção do ruído composto pela presença de carros, pessoas caminhando, pássaros, estabelecia um convite a uma outra forma de sensibilização além da visão.

Com *Procissão* (Figura 2), Lícia Heydrich, abordou as perdas inerentes ao processo de urbanização das cidades, quando os antigos arroios foram contaminados pelo esgoto e concretados para impedir o assoreamento das vias públicas. Na hora do crepúsculo, nas proximidades da Ponte de Pedra, da cidade de Porto Alegre, a artista propôs aos transeuntes a construção de um barquinho de papel que, transportando dispositivos luminosos, foram colocados sobre as águas e navegaram sobre o local do antigo leito do arroio. Hoje, um lago artificial, um dilúvio que ficou preso e esquecido.

Com o objetivo de instaurar *microzonas de subversão lúdica* no espaço frenético e gélido da cidade e questionar o processo de privatização de seus espaços públicos, a Coletiva Cidades Germináveis realizou o conjunto de ações participativas intituladas “Redes pela Cidade” (Figura 3) no qual, em praças públicas, os envolvidos tricotaram redes formadas por uma trama de três fios, utilizando seus braços como agulhas. As redes para dormir foram instaladas entre árvores e deixadas no local. Durante o processo o coletivo estabeleceu redes de pensamento e afeto, compartilhou questões técnicas e estéticas e tramou utopias.

O NIA, ao iniciar a elaboração de um livro/catálogo das intervenções realizadas, a partir de 2015, intensificou o deslocamento de sua práxis, expandindo seus modos operacionais. O livro objetivava, em sua concepção, ser também



**Figura 1** · Laurissa Fauri, *Orelhas sussurrantes* (2013).  
Intervenção artística. Foto: Acervo da artista.

**Figura 2** · Lícia Heydrich, *Procissão* (2013). Intervenção  
artística. Foto: Acervo da artista.



**Figura 3** - ColetivA Cidades Germináveis. Redes pela cidade (2014). Foto: Acervo do grupo.

**Figura 4** - Núcleo de Instauração Artística. *Oficina cartoneira*, Quilombo do Sopapo, 2015.

Fonte: própria.

uma forma de ativação artística. Seria feito por meio de uma encadernação cartoneira, onde as folhas são costuradas a mão e a capa feita de papelão reciclado, pintada, uma a uma, utilizando spray e estêncil, técnicas utilizadas na arte de rua. Conteria um lambe-lambe (cartaz de rua) e seria lançado em praça pública, momento em que os transeuntes/convidados confeccionariam as capas de seus exemplares, reivindicando o exercício do diálogo artístico do e com o público.

A prática de pensar, elaborar e gestar o livro-intervenção “Artistas Aqui!” conduziu o núcleo a desenvolver projetos com grupos comunitários, estabelecendo novas parcerias e zonas de ativação. Como exemplo, foram realizadas oficinas de encadernação cartoneira no Quilombo do Sopapo e a confecção e aplicação de Lambe-lambes junto a Ocupação Pandorga, Figura 4 e Figura 5. A prática atual do NIA, a partir de 2016, está direcionada às residências artísticas junto às comunidades da região metropolitana de Porto Alegre, Brasil (Figura 6).

### 3. O diálogo “Artistas Aqui!”

“Artistas Aqui!”, publicado em janeiro de 2018, (Figura 7) contém imagens, contextualizações e reflexões poéticas elaboradas por alunos que realizaram 14 ativações artísticas no contexto urbano e a transcrição de um diálogo artístico entre os autores do livro, ocorrido na casa de um dos orientadores do NIA, enquanto se aguardava o pão assar. O diálogo se deu com objetivo de que sua transcrição se tornasse o texto crítico coletivo dos autores. Durante cerca de 2 horas, se exerceu o direito de ação e pensamento artístico livre. Um manifesto de vida pulsante, com vários níveis de aprofundamento e escape, por ora afetivos, contextuais, estéticos, políticos, individuais e coletivos. Uma rodada de posicionamentos e questionamentos inseridos em um momento político brasileiro conturbado e triste, quando da destituição de uma presidenta democraticamente eleita. Somados a uma série de regulamentações municipais que dificultavam as práticas artísticas livres nos espaços urbanos, bem como, o processo de gentrificação e higienização urbana. Estar AQUI!, sentados em uma mesa de café, discutindo arte e política, foi em si um ato de resistência e sobrevivência.

A ação diálogo “Artistas Aqui!”, além de discutir, refletir e pensar o que já havia sido elaborado como ação conjunta, foi um momento do desassossego, do desconforto decorrente de uma latência pronta a eclodir. Estávamos cientes de que era um momento diferenciado, com outras regras em que cada um contribuía e absorvia a sua maneira. Não foi fácil exercer este grau de liberdade. Durante a elaboração do livro, gradativamente, precisamos estourar as “bolhas” eleitas como espaços de enclausuramento, conformação e ação da arte. A arte pode ser também um ação no cotidiano sem hora marcada, sem



programação estabelecida, mesmo que tenhamos que cumprir e responder por adequações burocráticas. Ser e estar presentes enquanto artistas e professores, agir e questionar, desejar e fazer dessas ações utopias realizáveis.

### **Conclusão**

Por vezes, velado e subjugado por uma relação rígida, unidirecional entre professor e aluno, o pensamento instaurativo participativo se mantém recluso, oprimido, em estado de espera e escuta. Cabe a um desses agentes, criar a instabilidade necessária para construir, na ação coletiva, um campo de resistência ampliado, contrário às amarras, inerentes aos percursos individuais, institucionais e comunitários envolvidos, abordando desejos, diálogos e permeabilidades.

Foi latente “Traçar linhas, mapear territórios, acompanhar movimentos de desterritorialização, promover rotas de escape” (Oliveira & Paraiso, 2012:159) e, dentro do possível, mesmo inseridos dentro de uma estrutura acadêmica, diminuir distâncias e fronteiras entre a teoria e a prática artística. Entre as intenções do artista e o universo do espectador. Entre a presença da obra e o contexto do lugar. Entre o olhar do

“Artistas Aqui!”, entre o agir e a pausa, entre as escolhas e as perdas, elaborou subjetividades coletivizadas e desejos. Desejos de rua, do olhar do outro, de relativizar cotidianos, de compartilhar contextos de participação. Desejo de coletiva, colaborativa e participativamente potencializar liberdades, realidades e olhares cruzados. Desejo de construir um espaço de resistência e vivência política nas entidades comunitárias de bairro. Desejos, convívios, parcerias e cumplicidades que gradualmente foram horizontalizando as relações entre orientadores e orientandos, alterando a compreensão das práticas metodológicas.

### **Referências**

- Deleuze, Gilles & Guattari, Felix (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34.
- Oliveira, Thiago R. M. & Paraiso, Marluce A. (2012). “Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação.” *Pro-Posições* vol.23 no.3, Sept./Dec.. Campinas: Faculdade de Educação-Unicamp.